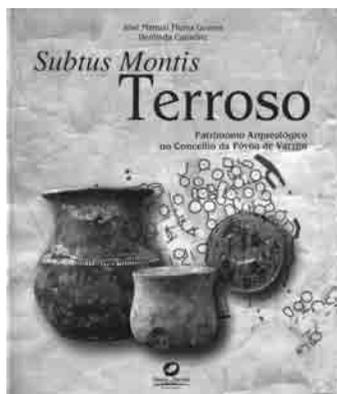


RECENSÕES



GOMES, José Manuel Flores; CARNEIRO, Deolinda – Subtus Montis Terroso. Património Arqueológico no Concelho da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim: Museu/Câmara Municipal, 2005. 303 p. ISBN 972-9146-42-X

Em breve nota preambular, os Autores explicam a razão do título e o conteúdo primordial da obra. *Subtus Montis Terroso* é a expressão de um documento do ano de 953, uma das mais antigas fontes escritas para a área do município, que destaca o papel referencial da Cidade de Terroso, nessa altura por certo já de todo desabitada e em ruínas, para toda a região envolvente.

Foi na verdade à sombra acolhedora desse importante povoado castrejo que se traçou o percurso deste projecto editorial. Dele resultou mais, muito mais, que um livro sobre o Castro de Terroso – sobre o qual, aliás, os AA. têm já ampla e valiosa obra publicada¹ – mas a Cidade foi sem dúvida para José Flores Gomes e Deolinda Carneiro o *locus* mágico inspirador de uma caminhada de investigação, divulgação e valorização cultural deste importante sítio arqueológico poveiro, desde que em 1979 uma visita ao monte, então abandonado à floresta e vítima dos curiosos e caçadores de antiguidades, assinalou o início de um processo de sedução e encantamento, balanceado entre a mó granítica topada num muro velho e o voo altaneiro de uma águia, entre o caco sujo que a custo se cata entre as giestas e o passo travado pelo apelo mudo, mágico, de um pilriteiro em flor.

Em pouco mais de duas páginas introdutórias, um quadro claro e didáctico das origens do povoamento na região dá o tom à obra, ou seja o de transmitir a informação científica resultante de muitos anos de aturadas pesquisas através de um discurso essencialmente pedagógico e acessível a quase todos os leitores.

O livro está estruturado em dois grandes capítulos: “Ambiente” e “Origens do povoamento”. No primeiro, analisa-se o quadro fisiográfico da região, destacando-se aspectos como o relevo, a hidrografia, o clima, a geologia e os recursos minerais, a que se acrescentam algumas notas sobre as vias naturais de circulação e os caminhos antigos. Ainda neste ponto, os AA. traçaram um esboço paleobotânico da área onde se instalou a Cidade de Terroso, partindo da cobertura vegetal contemporânea para a reconstituição dos ecossistemas antigos, através dos resultados das análises carpológicas efectuadas. Também a fauna de Terroso é objecto de cuidadosa caracterização, identificando-se as diferentes espécies de aves, mamíferos, batráquios e répteis,

¹ Do ponto de vista da divulgação, destinada a públicos diferenciados, está esta estação arqueológica particularmente bem servida, pois dispõe, para além de um desdobrável, do opúsculo *Cidade de Terroso. Guia do Visitante* (26 p.) e da monografia *Cidade de Terroso* (110 p.), ambos subscritos por estes Autores e publicados pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim em 1999.

para além dos invertebrados, num hino à biodiversidade notavelmente ilustrado pela fotografia de José Flores Gomes.

O capítulo dedicado ao povoamento antigo do município poveiro inicia-se com uma síntese curta, a anteceder um esboço de carta arqueológica onde têm particular destaque a apresentação de diversos monumentos megalíticos e das fossas da Idade do Bronze de Beiriz. De pronto se passa à estação arqueológica central na obra, a Cidade de Terroso.

Inicia-se esta secção com detalhada revisão das origens da pesquisa arqueológica neste povoado castrejo, que remontam a 1906 e foram dirigidas por Rocha Peixoto e José Fortes, recolhendo-se e avaliando-se outras notícias, artigos monográficos e materiais antigos, num ensaio de grande interesse, quer do ponto de vista historiográfico, quer pela contextualização e revalorização desses achados e informações, que aliás constituíram os elementos fundamentais para a compreensão do sítio arqueológico até 1980, ano em que as escavações foram retomadas, sob direcção de Armando Coelho Ferreira da Silva, da Faculdade de Letras do Porto, responsabilizando-se pelos trabalhos, posteriormente, os Autores da presente obra.

De imediato se avança para a caracterização geral da Cidade, descrevendo-se o faseamento cronológico da sua ocupação, situada entre o Bronze Final e os séculos II/III, ou mesmo IV, se bem que aparentemente apenas em certas áreas do povoado. Entre outros elementos de interesse, deve relevar-se a publicação de uma actualizada planta das escavações modernas², sendo curioso notar, a este propósito, que a planta mais conhecida do castro, levantada em 1917 pelo Arqtº Gonçalo Artur Cruz, da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, foi até começos da década de 1980 sempre reproduzida com orientação geográfica invertida, por lapso do desenho original.

Nos capítulos seguintes analisam-se, a partir da estratigrafia observada nas escavações, a arquitectura e o traçado urbanístico do povoado, tendo-se ensaiado a reconstituição gráfica tridimensional de um dos núcleos residenciais castrejos, recurso pedagógico de grande importância, designadamente junto de públicos escolares ou menos informados. Para além dos espaços domésticos, apresentam-se uma leitura das áreas públicas, como os arruamentos, e a estrutura defensiva do povoado, organizada através de três cinturas de muralhas.

No ponto respeitante à “economia e ergologia”, a cerâmica tem lugar preponderante, detalhando-se as respectivas formas, técnicas e padrões ornamentais, descrição complementada com um catálogo das peças mais completas e decorações mais vistosas. O material anfórico merece capítulo próprio, fazendo-se acompanhar as classificações tipológicas e a cronologia das peças exumadas com oportunas indicações acerca dos produtos que transportavam e respectivos circuitos comerciais.

As diferentes actividades económicas desenvolvidas no povoado são de seguida ilustradas, sempre com preocupação de exposição agradável, clara e pedagógica, com base nos objectos recolhidos na estação. A fição e a tecelagem evocadas a partir dos cossoiros e pesos de tear, a metalurgia descrita através dos artefactos metálicos e vestígios de produção, como as escórias, os cadinhos e as lingoteiras, de que se acharam diversos exemplares. A agricultura e a recollecção na área do povoado são estudadas tomando como ponto de partida os resultados das análises carpológicas e antracológicas feitas por Isabel Figueiral (Laboratoire Paleobotanique Environment et Archéologie da Universidade de Montpellier) e os elementos identificados nas escavações, como as mós em granito usadas para a trituração e moagem dos diferentes cereais. De aqui se passa ao estudo faunístico, da responsabilidade de João Luís Cardoso (Universidade Nova de Lisboa), que identificou numerosas espécies, desde o gado *vacum*, aos ovicaprídeos, suídeos e outros mamíferos, até aos moluscos representados nos concheiros escavados em Terroso.

Os aspectos ligados ao mundo funerário e simbólico ocupam o ponto seguinte, vertente

² Após o levantamento de 1917, a única planta vinda a público foi a apresentada por Armando Coelho F. Silva (*A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986), resultante dos trabalhos de 1980-1982.

de grande importância quanto, como é conhecido dos que se debruçam sobre estes temas, em Terroso foram encontrados alguns dos vestígios de enterramentos mais notáveis de ambiência proto-histórica no Noroeste peninsular. Trata-se de um conjunto de sepulturas em fossa de onde foram exumadas diversas urnas cinerárias, questão que aqui se revê e amplamente documenta.

A romanização da Cividade de Terroso é o objecto do capítulo subsequente, apresentando-se diversos exemplos de cerâmicas importadas, vidros, objectos metálicos e a colecção numismática, ilustrada sobretudo por exemplares alto-imperiais, dado que alguns numismas tardo-romanos achados nas imediações da Cividade serão já, segundo os AA., posteriores ao abandono do povoado, podendo mesmo estar ligados a uma ocupação periférica de casais agrícolas.

A última parte da obra é dedicada a um desenvolvido levantamento arqueológico do concelho, com a publicação dos resultados de algumas escavações recentes. Os castros de Laundos, Argivai e Navais merecem fichas detalhadas, descrevendo-se depois diversas *uillae* e outros achados ligados à ocupação romana, com destaque para as importantes ruínas da “Vila Mendo”, objecto de uma escavação de emergência em 1992.

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo na envolvente da Igreja românica de S. Pedro de Rates em 1997-1998 são apresentados no último capítulo. Aqui foram identificados importantes vestígios medievais e modernos, como a necrópole da igreja e os restos de um forno para fabrico de cerâmica. Aproveitada como pedra de delimitação numa sepultura medieva apareceu uma interessante estela funerária romana, reutilizada por alturas do séc. VII, segundo os AA., pela aposição de um *chrismon* no tardo do epitáfio romano. Foi pena (e este é o único reparo que fazemos a uma obra tão belamente ilustrada), não ter sido reproduzida uma imagem integral deste monumento epigráfico, em ambas as suas faces, documentando-se apenas a peça no local de achado original e o campo epigráfico do epitáfio romano.

Extensa bibliografia e um oportuno anexo documental sobre a Cividade de Terroso e a arqueologia da Póvoa de Varzim completam a obra, que constitui, a nosso ver, uma modelar monografia de sítio sobre a Cividade e um documentado repositório da arqueologia poveira que por certo permanecerá actual por muitos anos e de grande interesse e utilidade para sempre. Merecem justa felicitação os Autores da obra e a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, através do Museu Municipal e Gabinete de Arqueologia, pela sua oportuna edição, num livro de esmerado e atraente aspecto gráfico.

António Manuel S. P. Silva

